



Há cem anos os bolcheviques encabeçados por Lénine tomavam o poder na Rússia. Esta revolução popular iria mudar o curso do país e do mundo nas décadas posteriores. O primeiro poder operário do mundo nascera, e dispunha-se a marcar os espíritos desde o início.

Os primeiros decretos, aprovados pelo Congresso dos Sovietes, não tardaram a ser promulgados. O primeiro deles dizia respeito à guerra que devastava a Europa desde 1914; com o decreto sobre a paz, a nova Rússia cessava as hostilidades com a Alemanha. Seguiam-se os decretos distribuindo a terra aos camponeses, nacionalizando as indústrias, e declarando a «soberania dos povos da Rússia».

Não se tratará de aqui abordar toda a História da URSS, mas de concentrar a atenção sobre três pontos que marcaram a história da URSS e que são esquecidas com demasiada frequência, a saber: que a revolução russa foi também uma revolução feminista; que a URSS contribuiu decisivamente para a vitória sobre o fascismo na segunda guerra mundial; finalmente, que ela constituiu uma generosa ajuda relativamente aos movimentos de libertação nacional e aos países progressistas.

Uma revolução feminista

Esta revolução operária e socialista foi também em todos os aspectos uma revolução feminista, numa época em que a norma era a desigualdade entre homens e mulheres. Em 8 de Março de 1921 Lénine decretava, em homenagem às mulheres de S. Petersburgo, o dia internacional da mulher, nos dias de hoje celebrado em todo o mundo.



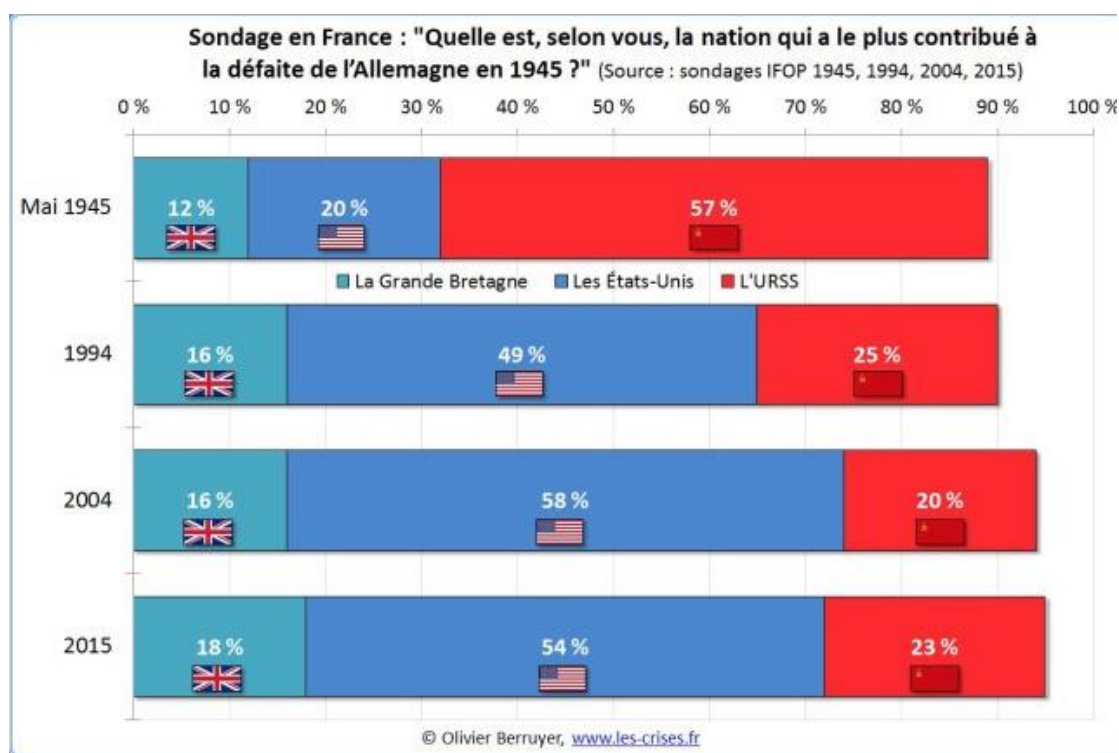
Alexandra Kollontai,

Mas o governo soviético, que integrava a primeira mulher ministro, Alexandra Kollontai (Comissária do povo para a protecção social), foi muito mais além nos direitos reconhecidos às mulheres: direito de voto, direito ao divórcio, luta contra o analfabetismo que atingia então 80% das mulheres. Em 16 de Setembro de 1918 é criado o código da família, e em 18 de Novembro de 1920 é promulgado o decreto que autoriza o aborto. São igualmente decretadas as licenças de maternidade bem como a igualdade salarial entre homens e mulheres.

Reformas que, ainda hoje, são impensáveis em certos países que se pretende serem mais avançados que a Rússia soviética.

A URSS, vencedora da segunda guerra mundial

Se nos dias de hoje a nossa visão do mundo e da segunda guerra mundial terá de algum modo mudado, na medida em que, na maioria, consideramos terem sido os EUA quem mais contribuiu para a derrota da Alemanha nazi, a percepção das coisas era diferente no imediato pós-guerra.



A URSS sofreu consideráveis perdas e, com cerca de 26 milhões de mortos, o país está efectivamente à cabeça das nações que tiveram o maior número de vítimas. Estalinegrado foi sem qualquer dúvida o ponto de viragem da Segunda guerra mundial quando em 1943, e após uma heróica resistência, os soviéticos conseguiram derrotar os exércitos alemães e desencadear um contra-ataque. Seria o início da queda do III Reich e da derrota de Hitler.

O exército vermelho iria libertar uma grande parte da Europa, e as forças nazis enviadas para a frente russa dão bem a ideia do que teria sido o desenlace da guerra se não estivesse aí a URSS. Para o constatar basta simplesmente constatar as dificuldades com que se depararam os resistentes e as tropas que

desembarcaram na Normandia e imaginar qual teria sido a situação se os nazis tivessem podido trazer em reforço milhões de soldados da frente leste. Não se trata portanto de negar o papel que outras forças armadas terão tido, nomeadamente as tropas norte-americanas, mas de reabilitar o papel da URSS, bastião contra o fascismo, tal como o foram os outros partidos comunistas.

Alguns anos antes, quando em 1936 eclodia a guerra de Espanha opondo fascistas e republicanos, era já a URSS que vinha em socorro da República espanhola. Perante a timidez das democracias ocidentais, nomeadamente França e Grã-Bretanha que, em nome de uma pretensa neutralidade que ninguém respeitou, não intervieram em Espanha, a URSS enviou armas, carros de combate, munições e conselheiros aos exércitos da República. As Brigadas Internacionais foram criadas nesta ocasião, permitindo a milhares de homens e mulheres comunistas, socialistas, republicanos, democratas dos quatro cantos do mundo virem combater contra o fascismo.



O governo da Frente popular francesa, chefiado por Léon Blum, decidiu-se finalmente a ajudar, discretamente, os combatentes espanhóis. Permitindo a passagem de armas e munições, e abrindo a fronteira às brigadas internacionais. Mas será insuficiente. Enquanto o campo democrata via a Espanha afundar-se, os países fascistas não hesitaram em enviar tropas, armas, e numerosos de aviões. Franco saía finalmente vencedor da guerra de Espanha, e seguiram-se cerca de 40 anos de ditadura nesse país.

A URSS, apesar de hesitações no início do conflito, terá sido em última análise o único país a vir efectivamente em socorro dos republicanos. Uma ajuda certamente insuficiente, mas qual teria sido o resultado se as democracias tivessem feito o mesmo?

A ajuda aos movimentos de libertação nacional

Mar terminada a segunda guerra mundial eis que se inicia um outro conflito, mais subtil, mais ideológico, mais indirecto também: a guerra fria. Campo ocidental contra campo socialista, NATO contra Pacto de Varsóvia, os EUA e o seu imperialismo contra a URSS e o seu internacionalismo. No decurso destes anos do pós-guerra a URSS iria ajudar numerosos movimentos de libertação nacional e países progressistas com uma soberania recentemente conquistada.

Mas regressemos antes ao passado, a quando eclode a Revolução russa e é instalado o poder dos soviets. Desde o início, o carácter fundamentalmente internacionalista da Revolução socialista é enunciado e confirmado por Lénine. Este tinha compreendido muito bem que a nova Rússia soviética, que se tornaria URSS em 1922, não podia fazer frente aos exércitos brancos e às forças da finança sem desencadear de outras revoluções na Europa.



Iam nesse sentido os acontecimentos nos meses seguintes à Revolução russa. Antes de mais na Alemanha, em que Lénine depositava boa parte das suas esperanças, onde eclode uma revolução dirigida pela Liga Spartakista de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg. A revolta termina de forma sangrenta e os dois dirigentes seriam selvaticamente assassinados depois deste episódio revolucionário. Apesar do fracasso da tomada do poder em Berlim fora proclamada na Baviera, em 7 de Abril de 1919, a República dos conselhos da Baviera, que não duraria também senão algumas semanas, esmagada pelo exército alemão em 3 de Maio de 1919.

Um pouco antes na Hungria, em 21 de Março de 1919, era proclamada por Bela Kun a República dos conselhos da Hungria. Assente no modelo da nova Rússia, a República dos soviets húngaros iria defrontar os imperialistas durante cerca de 143 dias, antes de acabar esmagada, como a da Baviera, pelos exércitos ocidentais.

Depois da segunda guerra mundial iriam multiplicar-se as guerras de descolonização e de libertação nacional. No mundo inteiro emergiam movimentos para fazer vingar o direito de cada povo à autodeterminação. Na América Latina, na Ásia, no Médio Oriente, em África a ajuda soviética foi preciosa. Primeiro para os movimentos, depois para os países progressistas e socialistas que recebiam da URSS e do campo socialista armas, dinheiro, materiais e conselheiros.

Cada movimento socialista, cada novo país progressista, cada guerrilha marxista era um novo meio de combate contra o imperialismo norte-americano que, por seu lado, não hesitava já em derrubar países progressistas e governos democráticos. O golpe de Estado no Chile de 1973, em que o general Pinochet, apoiado pela CIA, derrubou o poder popular e democrático de Salvador Allende permanecerá uma ferida que jamais fechará para o povo chileno e para a esquerda internacional.

A ajuda soviética será benéfica para numerosos países: o Egipto de Nasser, a China popular – pelo menos durante os primeiros anos -, a Cuba socialista, ou a Síria baasista beneficiaram da generosidade soviética face a qualquer país que se levantasse contra o imperialismo.

Com a queda do campo socialista no final dos anos 80 toda uma convicção iria ruir, mas foi também um período novo a abrir-se, permitindo ao imperialismo americano promover o seu modo de vida e a sua visão política e económica. Uma era unilateral que certos países, tal como a China e a Rússia, desejariam hoje ver acabada para dar lugar a um mundo multipolar.

Fonte: <https://www.legrandsoir.info/100-ans-apres-certains-faits-oublies-de-la-revolution-russe.html>